

HOMENAGEM DE VIDA

Cícero Guedes dos Santos (1962-2013)

Paola Barros de Faria Fonseca*
Solange de Oliveira Reis**

Prestar essa homenagem é uma grande honra para quem conviveu com Cícero e com a luta dos trabalhadores rurais pela terra. Ainda que o nosso contato seja antigo, a convivência de forma mais direta, efetiva, ocorreu nos últimos anos de sua vida, durante o processo de pesquisa que ora se desenvolve, tanto como doutoranda da UERJ quanto como partícipes do Projeto de Pesquisa coordenado pela Profa. Marilda Villela Iamamoto¹. Além disso, nos últimos quatro anos, os encontros semanais, às terças-feiras, no Espaço Agroecológico da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), onde se realiza a feira do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), fez recair sobre nós a obrigação desse ato de reconhecimento.

É importante destacar que esse convívio se deu nos melhores anos de sua vida. Com uma trajetória pessoal marcada pela superação, Cícero estava determinado a prosseguir lutando pelos interesses dos trabalhadores, do povo em geral, especialmente, dos assentados e acampados organizados pelo MST, do qual era um de seus mais destacados integrantes. O tempo presente vinha sendo para ele de felicidade e alegria e, principalmente, de novos desafios. Um novo tempo. E, sempre, com um imenso otimismo num futuro muito melhor. Por isso era muito respeitado e querido por seus familiares, amigos, profissionais de diversas áreas e, principalmente, por seus companheiros de luta pela terra. O seu bárbaro assassinato, ocorrido em janeiro de 2013, tornou-o mais uma vítima de outras tantas injustiças que ocorrem neste país, especialmente aquelas relativas aos conflitos fundiários.

* Assistente Social, pós-graduanda em Serviço Social Contemporâneo pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Correspondência: E-mail: <paolabffonseca@gmail.com>.

** Assistente Social da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGSS/UERJ). Correspondência: E-mail: <e-mail: soreis@uenf.br>.

¹ IAMAMOTO, M. V. (Coord.). "Estado, classes trabalhadoras e Serviço Social no Brasil. 2003-2015. Condições de vida e trabalho dos assalariados da agroindústria canavieira fluminense". Rio de Janeiro (RJ), UERJ/CNPq, 2012. A referida pesquisa tem contado com o financiamento da FAPERJ e do CNPq, sendo que as autoras dessa homenagem de vida estão vinculadas a esse projeto.

Na verdade, a história de vida de Cícero não foi diferente da daqueles que integram o proletariado, dos demais homens do povo, especialmente a do trabalhador do campo brasileiro. Mas com uma diferença: tornou-se, acima de tudo, um revolucionário. Com um olhar profundo, parecia enxergar no horizonte o que ainda era imperceptível aos olhos comuns de seus companheiros. Pela sua própria história, pressentia que a sociedade não era algo imutável, mas sujeita às modificações constantes, transformadoras. Sua crença, a sociedade organizada. Sua voz, força e liderança permanecerão sempre presentes em nossa memória.

Natural de Alagoas, casado e pai de cinco filhos, começou a trabalhar, a cortar cana, aos oito anos de idade. Cícero costumava dizer que para o fazendeiro não bastava o trabalho dos pais, a criança começava a andar, tinha que trabalhar para ajudar. Essa constatação feita por Cícero é uma evidência. Até hoje – desde os primórdios do período colonial, ainda que se considerem as novas estruturas e o desenvolvimento do capitalismo –, no campo, as relações sociais são de sujeição. A abolição da escravidão e a chegada da República fazem declinar a figura do “senhor de engenho”, que é substituída pelo “senhor rural”. Entretanto, perseveram as relações de dominação daqueles que, como proprietários da terra, se sentem donos de todos, dos homens e mulheres e também de seus filhos. São novas formas de dominação econômica, política e cultural.

Não aguentando mais o trabalho miserável e a falta de oportunidade de uma vida digna no seu lugar de origem, Cícero vai para o Mato Grosso. Mas as condições degradantes de trabalho permanecem inalteradas, conservando as mesmas características daquelas vivenciadas no Norte do país. Ele presenciou trabalhadores serem chicoteados e morrerem. Percebe que se ali permanecesse, não teria destino diferente. E, em 1993, acompanhado da esposa e, ainda, com três filhos, resolve, também, abandonar o trabalho rural nestes campos. Assim, mais uma vez, buscando melhores condições de vida e fugir da vida humilhante, juntou seus “trapos” e com a solidariedade dos vizinhos, parte sem rumo, chegando ao Rio de Janeiro, mais especificamente, no Norte do estado, em Campos dos Goytacazes.²

Ressalta-se que embora o fenômeno da migração tenha se reduzido neste período – década de 1990, época em que ocorre a desregulamentação parcial do Complexo Agroindustrial da Cana no Brasil, em particular em Campos –, não se pode negar ainda assim a sua relevância. Essa trajetória de Cícero não difere de outros inúmeros trabalhadores rurais, residentes no Norte e Nordeste do país. Ao se verem impedidos de continuar em seu lugar de origem, em função do desemprego – originado por um modelo agrícola baseado na monocultura e no latifúndio –, buscam em outro lugar, normalmente nos grandes centros urbanos do Centro-Sul, a

² Os dados referentes a trajetória de Cícero foram extraídos de entrevista concedida por ele às pesquisadoras subscreventes e de Guedes (2008).

alternativa para a sua sobrevivência e de suas famílias. Ou desenvolvendo a mesma atividade ou qualquer outro tipo de remuneração que não exija um alto nível de qualificação, certamente. Mas, ocorre que, pelas características do trabalho rural, faltava ao conjunto desses trabalhadores a qualificação profissional básica para o acesso a formas diferenciadas de renda, além das restrições do mercado de trabalho.

E no caso de Cícero, assim que chegou a Campos, acabou trabalhando “na maldita cana de novo”. De início, considerou que a situação poderia ser um pouco melhor devido, fundamentalmente, à atuação sindical da época, que conseguia manter a extração da cana por um preço razoável. Além disso, ganhou fama no meio rural, começou a ser conhecido como o “bicho” para cortar cana, o alagoano doido, o “rei” do corte de cana. Contudo, pouco a pouco aumenta a sua convicção sobre a questão do trabalho e sua exploração, sobre as relações que envolvem os trabalhadores da terra e seus mandatários. Na verdade, Cícero sabia que a lógica da eficiência, hoje predominante nos canaviais brasileiros, isto é, do “quanto mais se corta, mais se ganha”, de intensificação do ritmo do trabalho, iria levá-lo para o mesmo caminho de outros inúmeros trabalhadores: adoecimento, mutilações e, até mesmo, morte por exaustão no trabalho.

Assim, Cícero resolve abandonar o corte de cana, passando a desenvolver atividades de caseiro, ajudante de obra etc. E esse é o período que o MST começa a chegar a Campos dos Goytacazes, mais precisamente em meados da década de 1990. A mobilização, envolvendo ex-trabalhadores rurais, resultou na conquista de alguns latifúndios: o da antiga Usina São João, Usina Baixa Grande, Usina Cambahyba, além de outros[3].

Esse contexto – de avanço da organização dos trabalhadores, de uma nova etapa das lutas sociais em Campos – é decisivo para que Cícero abandone de vez a condição de assalariado, dominado. E inicie uma nova etapa, de ruptura com as velhas relações sociais, relativas ao trabalho explorado. A luta do MST, que teve como centro o questionamento do latifúndio no município e a Reforma Agrária, passa a contar então com quem seria em um futuro muito próximo um de seus mais combativos militantes. O ano foi 1997, quando ocorre a primeira ocupação nas terras da antiga Usina São João. Cícero se une aos acampados e percebe que a partir dali iniciara uma nova e, sem dúvida, a mais fecunda etapa de sua vida. Ainda que temeroso, estava plenamente consciente das consequências de sua escolha, já que era oriundo de uma região em que a intimidação e a violência com mortes eram práticas comuns, tendo como objetivo golpear as organizações populares. Foram seis anos vivendo com a família na “cidade

³ Vale registrar que tais usinas foram fechadas como resultado do processo de declínio da agroindústria canaveira campista. Para se ter uma ideia dessa decadência, em princípios do século XX, o município chegou a possuir 28 usinas, mas se resume na atualidade a três unidades industriais, vivendo a agroindústria local, atualmente, um contexto de muitas incertezas.

de lona preta” até a conquista definitiva de seu lote no maior assentamento de todo o Estado, o Zumbi dos Palmares. E é ele mesmo quem diz:

Não dá para descrever a sensação e a emoção de ser assentado. É como se fosse um ex-escravo, que foi escravizado e trabalhou com fome, viveu com fome, dormiu com fome, pensou que ia morrer de fome. E hoje você tem dez hectares de terra, equivalente, cada hectare, a um campo de futebol oficial. Não tem emoção que pague. (GUEDES, 2011b, s.p.).

A partir daí, já totalmente integrado ao MST, e como assentado, agricultor, Cícero torna-se uma das principais referências em agroecologia no município. Em seu sítio, denominado por ele de “Brava Gente”, dedica-se, principalmente, à plantação de bananas, além de outras espécies frutíferas. Sua convicção referente a superioridade dos alimentos produzidos por meio de técnicas agroecológicas, alimentos saudáveis, contagiava a todos e, especialmente, aos alunos e professores da UENF, com quem desenvolvia algumas parcerias, por meio de participação em projetos de extensão. Tanto é assim que, em sua homenagem, o Conselho Universitário desta Universidade aprovou, em 22/02/2013, a criação do Espaço Agroecológico Cícero Guedes, aonde já vinha funcionando em seu campus, semanalmente, a feira agroecológica do MST. (ESPAÇO, 2013, s.p.).

Vale ressaltar, entretanto, que Cícero, apesar de reconhecer a importância da interlocução com a Universidade, mantinha sua convicção sobre os limites institucionais que a cercavam. Em seminário organizado pelo Comitê Popular de Combate e Erradicação do Trabalho Escravo e Degradante do Norte/Noroeste Fluminense, do qual, inclusive era membro, e nas dependências do Instituto Federal Fluminense (IFF/Campos), Cícero faz o seguinte pronunciamento:

Nós, cada um daqui que está assistindo [...] precisamos sair aqui de dentro com atitude, e quando tiver mobilização a gente estar junto. Porque a gente já tem participado de mobilização aí, que meu pai do céu, só Deus. Então, não dá mais para escutar, ficar em plenária, e depois a gente não fazer a ação acontecer. Eu não gosto muito disso aqui não, eu gosto muito do asfalto, é lá que dá resultado. É quando ocupa uma usina que dá resultado e os trabalhadores lá assentados. Não gosto muito disso aqui não. (GUEDES, 2011b, s.p.).

Por sua coragem, perseverança e abnegação, Cícero vai se destacando no MST, adquirindo respeito entre seus membros, contribuindo de forma significativa para fazer avançar a sua organização na região. Era o responsável pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e desempenhava a função de organizador das feiras de Reforma Agrária do MST. Além disso, acompanhava todas as áreas em luta pela ocupação de terra. Não havia uma atividade sequer do movimento em que ele não se em-

penhasse. Costumava dizer que, mesmo sendo outro homem, um homem feliz, “ainda tinha um choro na garganta”. Acreditava que a felicidade, em sua plenitude, só seria possível com o fim da impunidade e a conquista da justiça social para todos.

Em julho de 2011, a Justiça decide a reintegração de posse da Fazenda Providência, pertencente ao Complexo da antiga Usina Santa Maria, no município de Bom Jesus de Itabapoana, onde se localizava há 9 anos o acampamento São Roque, do MST. O Tribunal Estadual mandou despejar cerca de 12 famílias que ainda se encontravam acampadas. A área foi colocada em leilão, sendo arrematada por um grande empresário da cana-de-açúcar na região. Testemunhamos a sua combatividade e tenacidade diante dessa decisão de despejo. Estávamos com ele participando e apoiando⁴. O local era de difícil acesso. E a forma como tudo ocorreu, sem comunicação prévia aos representantes do movimento, dificultava a resistência. Mas Cícero estava lá. E após romper a barreira física imposta pelo proprietário de terra, chega até às famílias acampadas. Ao afirmar, diante da oficial de justiça e de todo o aparato policial presente, que o “ser humano não é bagunça”, acabou por garantir condições dignas de desocupação, mostrando, inclusive, sua firmeza na negociação.

Por toda essa trajetória, combativa, perseverante, assume a coordenação da segunda ocupação de terras da Usina Cambahyba. Esse latifúndio – considerado improdutivo pela Justiça Federal é atualmente controlado por herdeiros de um ex-Vice Governador biônico do Rio de Janeiro, sendo um complexo de sete fazendas de 3.500 hectares. A primeira ocupação já havia ocorrido em abril de 2000 como forma de pressionar o Estado, já que a área tinha recebido Decreto de Desapropriação – para fins de Reforma Agrária – da Presidência da República, desde 1998. Só que a desapropriação não ocorreu. Ao contrário, em 2005, o Poder Judiciário no município de Campos concede liminar favorável aos proprietários, resultando no despejo de 470 famílias. E, segundo o MST, a mais violenta das desocupações já sofridas pelo movimento em todo o Estado. Mas, diante da divulgação nos meios de comunicação, em nível nacional, de que tal Usina estaria envolvida na incineração de corpos de militantes durante o período da ditadura militar no Brasil⁵, em novembro de 2012, as terras são reocupadas. O objetivo era a finalização do processo de desapropriação. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) se compromete, então, a criar um assentamento, mas não o fez. E o resultado de toda essa morosidade foi o assassinato de mais um combatente da Reforma Agrária, aumentando, consideravelmente, o clima de insegurança entre os acampados, assentados e apoiadores dessa luta na região.

⁴ É importante registrar essa experiência interessante, a integração do trabalho de pesquisa acadêmica, com o objeto de pesquisa, na questão particular da luta do trabalhador.

⁵ A veiculação desta matéria tem como fundamento a confissão do ex-delegado Cláudio Guerra, do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), no livro “Memórias de uma Guerra Suja”.

Cícero foi executado com vários tiros na cabeça quando saía de bicicleta do acampamento. De acordo com as investigações policiais, o principal suspeito de ser o mandante foi detido e indiciado pelo crime. No entanto, diante de antigos e constantes conflitos envolvendo a questão rural, há que se apurar se a justiça foi feita e se a verdade foi alcançada. Está certo o MST quando afirma que

[...] [a] irresponsabilidade do Estado brasileiro nesses 14 anos em acabar com um dos símbolos da violência do latifúndio é a principal causa do assassinato de Cícero e por toda vulnerabilidade que se encontram as famílias sem terra do acampamento Luiz Maranhão. (JUSTIÇA GLOBAL, 2013, s.p.).

Há que se modificar a desproporcionalidade existente entre os subsídios destinados a agricultura camponesa – dos pequenos agricultores – e ao Complexo Agroindustrial – o chamado agronegócio, voltado para a exportação. A opção prioritária governamental por esta última, por suas características predatórias, tem sido a principal causa dos conflitos no campo. Este era o ideal de Cícero: frear o avanço do capital no meio rural. Ou em suas simples, mas sábias palavras: fazer com que “ninguém tire o chão de ninguém”, e que “o chão onde pisava o boi seja feijão e arroz”. Trata-se, agora, de continuar sua luta, apoiando e fortalecendo a resistência camponesa contra a expansão dos monocultivos e pela Reforma Agrária que garanta produção agrícola de qualidade para alimentar o povo brasileiro.

Cícero foi, seguramente, muito mais do que apresentamos aqui. E tais considerações as suas qualidades, virtudes e coragem são apenas um reconhecimento a quem procurou merecê-las. Nossa saudação à vida e à luta de Cícero Guedes dos Santos!

Referências

ESPAÇO Agroecológico da UENF homenageia o Sem Terra Cícero Guedes. *MST*, 25 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/Espaco-Agroecologico-da-UENF-homenageia-o-sem-terra-assassinado-Cicero-Guedes>>. Acesso em: 17 maio 2013.

FREITAS, S.P. Adeus, Cícero. Disponível em <<http://www.uenf.br/dic/ascom/2013/01/29/ascom-informa-29-01-13/>>. Acesso em: 25 maio 2013.

GUEDES, C. Depoimentos. In: CERQUEIRA, G.; FIGUEIRA, R.; PRADO, A.; COSTA, C. (Org.). *Trabalho escravo contemporâneo no Brasil: contribuições críticas para a sua análise e denúncia*. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2008, p. 121-124.

_____. Depoimento. [07 de jul 2011a]. Entrevistadores: FONSECA; P.B.F.; REIS, S.O. Gravador [20 min.]. Entrevista concedida à pesquisa "Um estudo sobre a condição operária no setor sucroalcooleiro em Campos dos Goytacazes". Rio de Janeiro: UERJ/PPGSS, 2011a.

_____. *VIII Seminário sobre trabalho escravo no Norte Fluminense: luta, terra e direitos*. Campos dos Goytacazes: Instituto Federal Fluminense, 2011b. (Comunicação oral).

NOTA do MST sobre o assassinato do Cícero Guedes. *Justiça Global*, 01 fev. 2013. Disponível em: <<http://global.org.br/arquivo/noticias/nota-do-mst-sobre-o-assassinato-do-cicero-guedes/>>. Acesso em: 17 maio 2013.